

## Apresentação

É com grande satisfação que chegamos ao número 20 da *Numen*: revista de estudos e pesquisa da religião. Nos últimos tempos, enfrentamos algumas dificuldades com relação à regularidade da revista. A solução adotada foi a publicação de um número por ano, até que a regularidade fosse novamente retomada. Por esta razão, o leitor encontrará ainda neste número os dois volumes referentes ao ano de 2009. No entanto, mesmo diante desta situação adversa, a revista não deixou a desejar na variedade e qualidade das contribuições para os estudos de religião no Brasil. O número que ora apresentamos apenas comprova o que estamos dizendo: revela as múltiplas faces do sagrado, abordando diferentes temas com rigor acadêmico.

O primeiro texto, de autoria de Jörg Dierken (Universidade de Hamburgo), desenvolve reflexões epistemológicas em torno da relação entre filosofia da religião, teologia e ciência da religião. Estas três áreas do saber emergem no contexto da modernidade. É no iluminismo, pontua ele, que elas aparecem e tentam demarcar suas esferas de atuação próprias. Mais do que simplesmente pontuar oposições e diferenciações, Dierken aponta para possíveis relações entre eles.

No entanto, a discussão com a modernidade não fica restrita ao primeiro artigo. Em *A Emergência dos Novos Movimentos Religiosos e Suas Repercussões no Campo Religioso Brasileiro*, Elisa Rodrigues relaciona o surgimento de novos movimentos religiosos com a modernidade. Esta relação também não pode ser simplesmente estabelecida com oposições ou meras continuidades. Ela se mostra paradoxal, no sentido de absorver elementos modernos ao mesmo tempo em que rechaça outros.

Já no terceiro artigo, deparamo-nos com outro enfoque da relação religião e modernidade. Em *Cristianismo e Modernidade no Pensamento de João Paulo II*, Philippe Portier trata da articulação entre religião e modernidade no pensamento do papa João Paulo II, tida por ele como singular. Leitor de Joseph de Maistre, Jacques Maritain e Max Scheler, João Paulo II reconhece a validade e a pertinência de valores como a liberdade, o princípio do aperfeiçoamento humano e a ideia do bem comum, isto é, valores tipicamente modernos. Entretanto, não se encontram indícios de

possível conciliação com o agnosticismo e o relativismo secular (também tipicamente modernos), uma vez que o cristianismo não mais ocuparia lugar de comando, mas se comportaria como mais uma voz social a ser ouvida.

Numa abordagem mais empírica, num franco diálogo entre história e antropologia, Ferdinand Azevedo estuda dois casos de mudança de *ethos* por parte de lideranças religiosas católicas em Pernambuco: Manoel da Costa Lubambo e Luiz Maria de Sousa Delgado. Estes dois importantes líderes vivem num momento crucial da história do Brasil, quando a retórica do desenvolvimento e modernização mais uma vez era amplamente empregada: a era Vargas. Neste sentido, Lubambo se move cada vez mais na direção da defesa de um nacionalismo brasileiro com tonalidades monárquicas medievais. Já Delgado, influenciado pelas leituras de Maritain, engaja-se cada vez mais numa concepção democrática.

Em diálogo mais próximo com a filosofia, Frederico Pieper trata do debate em torno dos modos infinitos no pensamento de Espinosa. Neste texto, mostra-se como a relação entre o infinito e finito no pensamento de Espinosa se revela sem solução. Talvez, isso se deve ao fato de se tentar negar de modo decidido qualquer lugar para o vazio. Aliás, esta tendência é também encontrada em outros filósofos modernos.

Por fim, Alexandre Guida Navarro desenvolve análise dos diversos modos como Quetzalcóatl, divindade mesoamericana, era cultuada. Suas fontes são os documentos escritos do período da chegada dos espanhóis à América. Em seu artigo, Navarro mostra como Quetzalcóatl (serpente emplumada) renasce em várias épocas, mas sempre com representações iconográficas distintas. Estas alterações não são meramente fruto do capricho estético, mas indicam o descobrimento de novos significados na representação da divindade.

Como se pode notar, apesar da diversidade de temas, este número tem como eixo o diálogo com a modernidade. É óbvio que o conceito de modernidade não permanece unívoco em todas as contribuições. No entanto, o emprego constante do termo modernidade ou sua pressuposição já são indícios de sua importância para a compreensão contemporânea da religião.

Boa Leitura!!!

FPP